

## QUÃO MAU É O MAL? UMA RESPOSTA A RAÚL ORAYEN

EDUARDO O. C. CHAVES  
UNICAMP

Em seu cuidadoso comentário ao meu trabalho, Raúl Orayen procura levar adiante a tarefa de clarificação do problema do mal, traçando um “mapa lógico” da controvérsia, com o objetivo de mostrar (a) que apresentei uma das partes da polêmica (a do teísta) em pior situação do que a em que realmente se encontra, e (b) que superestimo um certo fator (a saber, a diferença na noção de “bom” do teísta e do cético), o qual considero de importância central na disputa. Ao caracterizar estas duas objeções principais, Orayen levanta uma série de outras questões, às quais tentarei, no momento oportuno, responder. Vamos caminhar por partes.

1) Na primeira parte de seu comentário, Orayen procura mostrar que minha análise da controvérsia coloca o teísta em posição pior do que a em que realmente se encontra fazendo uso da distinção entre “inconsistência lógico-formal” e “inconsistência semântica” e observando que a suposta inconsistência nas crenças do teísta seria do segundo tipo, fato que enfraqueceria grandemente a argumentação do cético, visto que tais inconsistências são notoriamente difíceis de se provar. Concordo plenamente com a distinção utilizada. Aliás, como reconhece Orayen, ela está presente em meu trabalho, inclusive em seu título, quando me refiro aos aspectos estritamente lógicos (formais) e aos aspectos semânticos do problema. A inconsistência que os céticos alegam existir nas crenças do teísta não é demonstrada, digamos, “sintaticamente”, ou seja, a nível puramente da lógica formal. É necessário fazer-se referência ao plano semântico, e quase

todos os céticos, pelo menos desde Hume, o fazem, com exceção, talvez, de McCloskey, em um de seus artigos.

Concordo, também, que, *para convencer o teísta* de que há uma inconsistência em suas crenças, o cético deverá utilizar sub-premissas analíticas, nas quais o sentido dos termos chave na controvérsia são explicitados, que sejam aceitáveis ao teísta (algo que considero virtualmente impossível de se realizar).<sup>1</sup>

Reconheço, também, que o teísta não pode provar a consistência de suas crenças, em virtude de sua suposta inconsistência não ser de natureza puramente lógico-formal, e sim natureza semântica, o que faz com que, provavelmente, a única defesa aberta ao teísta, neste aspecto da controvérsia, seja a *via negativa* de criticar os argumentos do cético.<sup>2</sup>

No que diz respeito, portanto, à primeira parte do comentário de Orayen, estou quase totalmente de acordo com ele. Não creio, pois, que tenha colocado a posição do teísta em situação pior do que a em que se encontra na realidade, como sugere Orayen. Admito que, com o sentido dado ao termo “bom” *pelo teísta*, realmente não se pode provar que suas crenças são inconsistentes. Sou de opinião que, *dada* a noção de “bom” aceita pelo teísta, ele não pode ser considerado culpado de inconsistência. Afirmo, isto sim, que *para o cético* esta noção de “bom” parece estranha, não típica, e mesmo paradoxal. O cético se utiliza de uma outra noção de “bom”, e, segundo esta noção, há uma inconsistência formal no conjunto de proposições que Orayen chama de K (for-

<sup>1</sup> Não concordo plenamente como Orayen quando observa que o cético deve, sob pena de incorrer na falácia de equívoco, utilizar os termos chave da controvérsia, nas sub-premissas analíticas, “com o mesmo significado” que possuem nas premissas básicas, originais. A função das sub-premissas analíticas é, realmente, *definir* os termos chave das premissas básicas. Conseqüentemente, estes termos terão, nas premissas básicas, o significado que lhes for atribuído nas sub-premissas analíticas, e não viceversa. O que o cético deve fazer, para convencer o teísta, é utilizar sub-premissas que sejam aceitáveis ao teísta, isto é, sub-premissas cuja analiticidade não seja questionada pelo teísta —algo que considero virtualmente impossível de se realizar.

<sup>2</sup> Em outros aspectos da controvérsia, como assinalo na seção VII do meu trabalho, a defesa do teísta pode e precisa ser positiva.

mando por suas proposições D e M), desde que sub-premissas analíticas (K') sejam acrescentadas, nas quais esta noção seja explicitada.

Acho muito difícil, porém, que o cético possa vir a convencer o teísta com sua argumentação, porque ela se baseia em uma noção de "bom" que o teísta rejeita (pelo menos no contexto desta controvérsia). Acho também difícil que o cético possa vir a convencer o teísta de que a noção de bondade utilizada por este último é inadequada, porque, como sugiro em meu trabalho, ela pode ser derivada de uma hierarquização de valores drasticamente diferente da do cético.

Creio, portanto, que neste aspecto da controvérsia sobre o mal só resta ao teísta a *via negativa* de criticar os argumentos apresentados pelo cético. Em nenhum lugar afirmo que este procedimento não é legítimo, nem que não seja usado em outras áreas, como, por exemplo, na Matemática.

2) Estaria eu, porém, supervalorizando a diferença entre as noções de "bom" do teísta e do cético, como sugere Orayen, no início de seu comentário? Afirmo, na seção VI do meu trabalho, o seguinte: "A origem do desacordo acerca da resposta correta à questão colocada no início deste artigo deve ser encontrada nestas diferentes noções do 'bom'. A maioria dos teístas e dos céticos está de acordo quanto aos aspectos *lógicos* do problema do mal. Discordam severamente, contudo, em relação a este aspecto, que é, de certa maneira, *semântico* — embora, naturalmente, não meramente semântico: as diferentes noções de 'bom' podem ser o resultado de diferentes sistemas de valores, e desacordos sobre valores não se reduzem a disputas meramente verbais". Orayen sugere uma explicação alternativa, que considera mais simples e realista. A linguagem do teísta, afirma ele, é imprecisa, vaga, complexa, e aberta a distintas interpretações. Todas as vezes que o cético apresenta um argumento a favor da inconsistência das crenças do teísta este pode oferecer interpretações plausíveis de alguns dos termos chave de modo a

eliminar a inconsistência. Estas interpretações, naturalmente, serão consistentes com convicções básicas do teísta, convicções estas muitas vezes de natureza metafísica, como, por exemplo, acerca da própria existência de Deus. Orayen conclui: “Em certo sentido, esta explicação é o inverso da de Chaves: não é o caso que significados diferentes levem a posições diferentes, mas sim que posições metafísicas distintas (sobre a existência de Deus, etc.) motivam a busca de interpretações que favoreçam uma posição ou outra”.

Em relação a esta sugestão, gostaria de tecer os seguintes comentários:

a) Não nego que a linguagem do teísta seja, freqüentemente, vaga e imprecisa, aberta a várias interpretações. Creio ter indicado que o próprio conceito de “bom” utilizado por teísta em outros contextos diverge do adotado no contexto da controvérsia acerca do problema do mal.

b) Quer me parecer, porém, que, no contexto desta controvérsia, o teísta utilize um conceito de “bom” já bastante elaborado e assaz sofisticado, conceito este que, por diferir daquele aceito pelo cético, não permite que a controvérsia acerca da consistência ou não das crenças do teísta seja resolvida a contento de todos. É neste sentido que a origem do desacordo entre ambos diz respeito às diferentes noções de “bom” utilizadas por cada um. Foi isto que tentei enfatizar.

c) Quanto à origem destas diferentes noções, nada disse além da sugestão de que poderiam ser derivadas de diferentes sistemas de valores. O teísta coloca, em primeiro lugar no seu sistema de valores, as chamadas virtudes morais: abnegação, compaixão, paciência, etc. O cético preza, acima de tudo, o prazer, a ausência de sofrimento, de dor. Os valores de teísta e do cético estão hierarquizados diferentemente, portanto, dentro dos respectivos sistemas de valores. Por que a diferença? A diferença provavelmente se fundamenta em convicções metafísicas distintas, como sugere Orayen. Estas convicções metafísicas afetam o problema do mal, porém, em grande parte, através de questões morais. Como pode um

ser que, além de onipotente e onisciente, é perfeitamente bom permitir a existência do mal? Embora a questão levantada por Orayen esteja um pouco fora do escopo de meu trabalho, não me parece que sugestão oferecida por ele seja realmente uma alternativa à proposta por mim. Parece-me, isto sim, vir a complementar aquilo que meramente sugeri.

3) Consideremos agora alguns outros problemas levantados por Orayen. Concordo plenamente que a argumentação de Pike possa ser reduzida à seguinte afirmação: “É logicamente possível que exista mal no melhor dos mundos possíveis”, ou, como prefere Orayen, “O melhor mundo (logicamente) possível contém mal”. Eu próprio indiquei em meu trabalho que esta era a premissa crucial do argumento de Pike, e a ela dediquei a maior parte de minha atenção. Orayen sugere, porém, que o argumento de Pike, assim simplificado, eliminada a referência a razões moralmente suficientes, torna as coisas mais difíceis para o cético, pois, segundo ele, o cético terá agora que mostrar que esta afirmação é necessariamente falsa, o que é equivalente a mostrar que é logicamente impossível que exista mal no melhor dos mundos possíveis ou que é logicamente possível eliminar-se todo o mal.

Não me parece que isto seja muito difícil para o cético. Em primeiro lugar, ele pode apontar ao fato de que mesmo teístas que tinham uma noção de “bom” diferente da sua, como Leibniz, afirmaram ser logicamente possível criar-se um mundo sem mal. Um mundo totalmente sem mal é um mundo logicamente possível, portanto, mesmo para alguns teístas.

Estes teístas argumentam, porém, que este mundo possível, totalmente sem mal, não seria o *melhor* mundo possível, e é aqui que o cético entre com sua segunda consideração: ele acha esta afirmação auto-contraditória. Utilizando-se de uma noção de “bom”, segundo a qual o bem é radicalmente oposto a, e incompatível com, o mal, e baseado na admissão de alguns teístas de que um mundo totalmente sem mal é logica-

mente possível, o cético vai afirmar que a proposição “o melhor mundo (logicamente) possível contem mal” é auto-contraditória, necessariamente falsa. Deste ponto de vista, “não existe mal no melhor dos mundos possíveis” é uma proposição analítica, necessariamente verdadeira. Dificilmente, portanto, um cético concordará em admitir, com Orayen, que inexista uma refutação concludente da proposição “O melhor mundo (logicamente) possível contem mal”.

O teísta, porém, com uma noção de “bom” diferente, não concorda com este julgamento do cético. Para o teísta o mal é, muitas vezes, condição necessária de certos bens que ele reputa de grande valor, e, em conseqüência disto, ele não vê contradição na afirmação “O melhor mundo (logicamente) possível contem mal”. Para ele a afirmação de que “é logicamente possível que exista mal no melhor dos mundos possíveis” é verdadeira — ou, na pior das hipóteses, é uma proposição cuja falsidade não foi demonstrada.

É por isso que afirmei que neste aspecto do problema do mal um desacordo em grande parte semântico impede que as questões lógicas sejam resolvidas de modo a satisfazer a todos.

4) Mas talvez Leibniz e os céticos estejam errados, é o que sugere uma outra série de observações de Orayen, e um mundo totalmente sem mal não seja logicamente possível. Poder-se-ia conceber a hierarquia de mundos possíveis, sugere Orayen, como se constituindo de mundos ordenados pela relação “melhor do que” de tal maneira que um mundo “a” seria considerado melhor do que um mundo “b” se contivesse menos mal (ou o mesmo tanto de mal e mais bem) do que “b”. Nesta concepção, é possível que o melhor mundo possível ainda contivesse mal (embora não mais mal do que qualquer outro mundo possível), o que implicaria na impossibilidade de existir um mundo sem mal, isto é, um mundo “perfeito”.

Esta linha de argumentação apresentada por Orayen parece sugerir que ele, de certa maneira, está de acordo com

a noção de “bom” do cético, ou seja: para Orayen o mal parece ser realmente mau, pois ele acredita que se um mundo “a” contem menos mal do que um mundo “b”, o mundo “a” é melhor do que o mundo “b”, *coeteris paribus*. Seguindo-se este raciocínio, um mundo que não contivesse nenhum mal (caso isto seja logicamente possível) seria melhor do que um mundo que contivesse algum mal — seria, de fato, o melhor mundo possível. O importante, para Orayen, parece ser que no todo haja *menos mal*, enquanto para muitos teístas o importante parece ser que no todo haja *mais bem*, mesmo às custas de considerável aumento da quantidade de mal. O raciocínio de Orayen parece sugerir, pois, e até tornar plausível, a idéia de que o melhor mundo possível é aquele que não contem mal algum.

Mas é a existência de um tal mundo “perfeito”, totalmente sem mal, realmente possível, do ponto de vista lógico? Não sei como responder, nem se pode ser respondido. O cético acha que sim, e Leibniz aparentemente concorda com ele — embora não fosse chamá-lo de “perfeito”. Quer me parecer que muitos teístas convictos também respondem afirmativamente a esta pergunta. Segundo vários deles, Deus poderia ter criado o que eles perjorativamente chamam de um “paraíso hedonístico”, um mundo sem sofrimento e sem dor. *Poderia, mas não quis*. Seu propósito foi outro (dizem os entendidos): foi criar um mundo em que as virtudes morais pudessem ser exercidas: a caridade, a compaixão, o heroísmo, a abnegação, a paciência. O mundo não foi criado, afirmam, para ser um paraíso de prazer, mas sim como um lugar onde se forma e aperfeiçoa o caráter, como um vale de “soul-making”. Para alguns teístas, a introdução do mal realmente *melhorou* o mundo — não, naturalmente, no sentido Orayeniano de fazer com que nele houvesse menos mal, mas no sentido de que nele fossem maximizadas as oportunidades para o exercício das virtudes “mais elevadas”. Este raciocínio, levado a extremos, se torna quase perverso, do ponto de vista do cético: quanto mais mal existir no mundo, melhor,

pois maiores serão as oportunidades de se fazer o bem.<sup>3</sup> O importante, para muitos teístas, é a *bonitas moralis*, não a *bonitas naturalis*, a virtude, não o prazer (vide Kant, em alguns momentos!).

Se alguém, porém, contesta que existência de um mundo perfeito, sem mal, seja logicamente possível, não vejo como se possa convencê-lo do contrário.

5) Mas admitamos que todos os mundos logicamente possíveis contivessem algum mal. Não poderia Deus ter optado por não criar nada? Orayen argumenta: “Ora, se se emprega o termo ‘bom’ com as associações valorativas do teísta” — e aqui se vê, no próprio texto de Orayen, quão importante é a diferença nas noções de “bom” do teísta e do cético — “parece sumamente improvável que um omniser (perfeitamente bom, por definição) prefira não criar nada a criar algo imperfeito. É sumamente implusível que, segundo os valores do teísta, deva-se eliminar o mal a *qualquer* preço”. Mais abaixo Orayen continua: “Parece que, segundo as valorações do teísta, a alternativa de criar um mundo com muitas coisas valiosas, e a menor quantidade possível de males (o melhor mundo possível) é *melhor* do que (a alternativa de) não criar nada em absoluto”.

Com esta passagem chegamos, parece-me, ao ponto principal de divergência entre as hierarquias de valores do teísta e do cético. As “muitas coisas valiosas” a que se refere Orayen, são, no entender do teísta, ou virtudes morais ou condições de possibilidade para o exercício destas virtudes, como, por exemplo, o livre arbítrio. Por aí podemos ver que o teísta leva, via de regra, o *bem moral* extremamente a sério. Ao

<sup>3</sup> É neste contexto que o cético acha o conceito de “bom” do teísta estranho, quase paradoxal. Realmente não é estranho que algo possa ser chamado de “bom”, ou de “melhor” do que alguma outra coisa, embora não chegue a ser totalmente bom, ou perfeito. Normalmente utilizamos o termo “bom” desta maneira. O que parece estranho é que um estado de coisas que não continha mal possa se tornar bom, ou melhor, mediante a introdução do mal, ou que um estado de coisas que continha algum mal possa se tornar ainda melhor mediante a introdução de mais mal. Isto, porém, até o próprio Orayen, quer me parecer, acha estranho. Mas muitos teístas afirmam coisas desta natureza, no contexto do problema do mal.

mesmo tempo, porém, muitos teístas parecem não levar igualmente a sério o *mal natural*, ou seja, o sofrimento, a dor, pois consideram um mundo em que exista o mal natural, mas, juntamente com ele, o bem moral, *melhor* do que um mundo em que exista apenas o bem natural (o prazer) e no qual não haja necessidade de virtudes morais (que, para muitos céticos, só têm mérito na medida em que ajudam a diminuir o sofrimento e a aumentar o prazer — fato este que faz com que muitos céticos levem o bem moral também extremamente a sério). Segundo o teísta, não se deve eliminar o mal (natural) a qualquer preço. Segundo o cético, não se deve promover o bem (moral) a *qualquer* preço, isto é, às custas do sofrimento de seres humanos. Se o teísta leva o bem moral extremamente a sério, quer me parecer que é o cético que leva o mal natural extremamente a sério. Para ele o mal (natural) é realmente mau. Para o teísta, o mal (natural) não parece ser tão mau — é, na verdade, uma condição necessária para a existência do bem (moral).

Conseqüentemente, para o cético seria preferível não se criar nada a criar-se um mundo em que, como condição necessária para a existência de certas coisas tidas como valiosas, houvesse o mal.

6) Em sua “Resposta Possível “àquela que chama de “Quarta Crítica”, Orayen observa que meu trabalho não aclarou algo de suma importância, a saber: na medida em que se exige do teísta, não meramente que mostre a consistência de suas crenças, mas também que as prove verdadeiras, afastamo-nos da controvérsia inicial. Não resta a menor dúvida de que a questão da verdade é distinta da questão da consistência. O meu trabalho se iniciou, na realidade, com a questão da consistência ou não das crenças do teísta. Afirmei, porém, em meu primeiro parágrafo, que meu propósito era clarificar algumas questões envolvidas no problema do mal — que não se limita à questão da consistência, embora Orayen, no início de sua seção I, tenha decidido chamar o problema da consistência de “problema do mal” — e colocar

algumas das mais recentes discussões deste problema em alguma forma de perspectiva sinótica. Se minha intenção houvesse sido meramente discutir a questão da consistência ou não das crenças do teísta, poderia ter terminado o trabalho ao final da seção VI. Acontece, porém, que só coerência não é suficiente para o teísta se defender dos ataques do cético, no contexto mais amplo do problema do mal. Grande parte das contribuições mais recentes à literatura do problema do mal toma —ou concede— como ponto de partida a consistência das crenças do teísta. A mudança de perspectiva faz lembrar a diferença entre as Seções X e XI dos *Diálogos Acerca da Religião Natural* de Hume. No início da seção VII de meu trabalho observei que o cético poderia argumentar, como muitos já o fizeram, que, mesmo na hipótese de o melhor dos mundos possíveis vir, por necessidade lógica, a conter mal, não há a menor garantia de que o *nosso* mundo seja o melhor. Nesta altura do trabalho, deliberadamente coloquei em parênteses a questão da consistência das crenças do teísta, concedendo-a, e passei a discutir um outro aspecto do problema do mal, que tem recebido muita atenção na literatura especializada recente. Como havia pretendido colocar estas contribuições mais recentes em alguma forma de perspectiva sinótica, decidi discutir este aspecto do problema do mal também, muito embora as questões aqui sejam de natureza diversa. Embora me pareça claro que tenha indicado a mudança nos temas específicos em discussão, é bem possível que pudesse ter realçado com maior clareza o encerramento da discussão da questão inicial. Isto mostra que, embora “clarity is not enough”, “there is never enough clarity”.